

**A sensualidade em festa: algumas representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX\***

*Rachel Soihet\**

Desde iniciado o século XIX, com a abertura dos portos brasileiros, estabelecendo-se a Família Real Portuguesa no Rio de Janeiro, sobrevêm a entrada de homens e mercadorias, viajantes que vêm observar o mercado nascente como também os costumes e as possibilidades abertas por aquela iniciativa. Impregnados das idéias iluministas, convictos da superioridade de sua cultura e de sua raça, além de terem passado por um processo civilizador que mesclado ao cristianismo acentuou a contenção das manifestações corporais, aqui chegados, manifestam grande estranheza diante da liberdade com o corpo revelada, especialmente, pelas negras e mulatas<sup>1</sup>. Como resultado desse encontro com grupos de culturas e classes diversas, com pluralidade de significados quanto à relação com o corpo, os referidos viajantes constroem imagens, representações e visões sobre tais costumes, informadas pela sua experiência cultural e pessoal, nas quais o etnocentrismo, a discriminação de classe, de gênero e de raça constituíram-se numa marca<sup>2</sup>.

E o aparentemente paradoxal é que tão mergulhados nessa atmosfera moralista sejam pródigos em referências minuciosas, acerca da exposição dos corpos, especialmente, de mulheres, repetindo-se em detalhes acerca do transbordamento de sua sensualidade. Fato que ratifica as considerações de Foucault, acerca da “explosão discursiva” em torno do

---

\* Publicado em Maria Izilda S. de Matos e Rachel Soihet (orgs) *O Corpo feminino em debate*. São Paulo. Editora UNESP, 2003, p. 177-197.

<sup>1</sup> A expressão *processo civilizador* é aqui utilizada, segundo a significação que lhe foi atribuída por Norbert Elias. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

<sup>2</sup> Sobre a história do corpo e a sua dependência da cultura, ver Roy Porter. “História do Corpo”. In Peter Burke (org.). *A Escrita da História*. São Paulo, Ed. UNESP, 1992, p. 291-326.

sexo, na Europa a partir do século XVII e que se constituirá em matéria prima dos racismos dos séculos XIX e XX<sup>3</sup>.

Por outro lado, lembrando a observação de Ginzburg de que mesmo "uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos", a literatura deixada por estes viajantes constitui-se numa documentação ímpar para os historiadores e historiadoras preocupados com o cotidiano das pessoas comuns e com suas manifestações culturais. Nesse sentido, embora atravessados por seus preconceitos, os relatos e iconografias deixados por esses viajantes nos permitem o acesso a um universo, via de regra, caracterizado por sua opacidade nos estudos históricos tradicionais – aquele da festa, da dança e do corpo...

Assim é que os naturalistas Spix e Martius admirados com a facilidade com que “o brasileiro é estimulado a dançar (...) pelo canto e pelo som do instrumento” ressaltam que tal ocorria “nas sociedades cultas com delicadas contradanças”, enquanto entre os negros “ela se manifesta com gestos e contornos sensuais...”. E em um desenho de sua autoria de um batuque em São Paulo, as mulheres negras são mostradas com os braços para o alto, pernas e bocas abertas, expressando imenso prazer, imagens que em tudo se contrapõem ao esperado, na época, de mulheres bem comportadas. Os autores não são nada econômicos na representação dessas imagens que consideram denotativas de lascívia, imoralidade, grosseria. “Pantomima desenfreada”, “dança obscena” são algumas das adjetivações por eles empregadas, em sua narrativa sobre a referida dança, destilando seu preconceito com a sensualidade e a falta de civilidade que consideravam extravasar daqueles corpos<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Michel Foucault. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 3ª edição, 1980, p. 21 e 29.

<sup>4</sup> Johann Baptiste von Spix e Karl Friedrich Phillip von Martius. *Viagem pelo Brasil*. V.2. Belo Horizonte/São Paulo, Ed. Itatiaia/Ed. da USP, 1981, p.47. ( A primeira edição deste volume é de 1828)

Em contraponto, tal testemunho nos faz perceber que as referidas mulheres, em sua maioria escravas, em que pese suas dificuldades de vida e as censuras que suas atitudes provocavam, não se rendiam a tais obstáculos, buscando aproveitar ao máximo o prazer proporcionado pelo movimento de seus corpos. Dado que se depreende, inclusive, da observação dos autores de que o batuque era a dança “preferida da classe inferior do povo que dela não se priva, nem por proibição da Igreja”. Elemento, igualmente, que confirma a tese de Bakhtin, acerca do uso pelos populares do corpo como um centro de resistência e de crítica dos significados oficiais<sup>5</sup>.

Um outro viajante, o francês Charles Expilly que esteve no Rio de Janeiro em 1853, narra um acontecimento no Campo da Aclamação em que uma “negra”, ao deparar-se com um grupo de “negros de ganho” que cantava ao som de uma “harmonia selvagem”, larga a lavagem de roupa de seus senhores e se põe a dançar ....<sup>6</sup> Observa-se por parte do viajante, uma demonstração de censura a esse comportamento da mulher que deixava seu trabalho para participar dessas manifestações. Não lhe ocorria, porém, que este era um comportamento próprio de sociedades pré-capitalistas em que o tempo do trabalho e do lazer se mesclavam. Fato que incomodava, profundamente, aos europeus vindos de sociedades, já mergulhadas no capitalismo, onde imperava a rígida disciplina do tempo nas fábricas e indústrias<sup>7</sup>. Mas cujas observações nos esclarecem, acerca da autonomia de que desfrutavam tais homens e mulheres na gestão de seu tempo, não se deixando intimidar no tocante à prática de suas diversões, fonte de prazer e de identidade; afastando a concepção

---

<sup>5</sup> Mikhail Bakhtin. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília, Hucitec/UnB, 1987.

<sup>6</sup> Charles Expilly. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris, Arnauld de Vresse Editeur, 1862, p. 52.

<sup>7</sup> E.P. Thompson. “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial” *Costumes em Comum*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1998 ; Alessandra Frota Martinez. “Imagens Negras”: escravidão e cultura nos relatos de viagem dos século XIX”. in Rachel Soihet (org) *Revisitando o NUPEHC*. Arrabaldes Cadernos de História. Niterói, Programa de Pós-Graduação em História, 1996, p.50

durante muito tempo, presente na historiografia, acerca de sua passividade e submissão. Também, não escapava a Expilly a crítica à “dança demoníaca” da lavadeira que “estremecia com cadência, percorrendo toda a praça” ao som de uma “música improvisada”.

E, são recorrentes as observações, acerca do caráter voluptuoso dessas danças, pormenorizando suas características sensuais. O batuque é objeto de inúmeras referências, ressaltando-se “suas atitudes finas de lascívia, que o urucungo acelera ou retarda” assim como aludindo a “certos movimentos do corpo (...) demasiado expressivos; (...) principalmente as ancas que se agitam; enquanto o dançarino faz estalar a língua e os dedos”<sup>8</sup>. Ao que acrescenta Ribeyrolles: “alegrias grosseiras, volúpias asquerosas, febres libertinas, tudo isso é abjeto e triste; porém, os negros apreciam essas bacanais, e outros tiram dela proveito. Não será isso um meio de embrutecimento?”<sup>9</sup>

Preguiça, indisciplina, luxúria, grosseria, selvageria eram algumas das características que emergiam da apreciação desses estrangeiros, acerca das manifestações negras, particularmente, quando praticadas pelas mulheres que chamavam sua atenção com sua “dança insolente ou fogosa” e que atraíam irresistivelmente o crioulo e o europeu com “suas formas sedutoras e o cheiro de suas axilas”<sup>10</sup>. Através de seu discurso expressam sua incapacidade de perceber o outro como diferente, fruto de uma cultura diversa, estabelecendo uma hierarquia na qual tais grupos aproximam-se da animalidade, a partir de seus movimentos, suas formas, seu cheiro, extravasando sua sensualidade sem limites, fato extremamente condenável para aqueles.

---

<sup>8</sup> João Maurício Rugendas. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972, p. 154. A primeira edição da obra em alemão e francês é de 1835. O urucungo ou berimbau, citado pelo autor, é um instrumento de percussão de origem africana.

<sup>9</sup> Charles Ribeyrolles. *Brasil Pitoresco*. 1859, p. 38.

<sup>10</sup> Charles Expilly. op. cit. p. 93 e Charles Expilly. *Mulheres e Costumes do Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, 1911, p.107.

Caminhando-se mais para a frente no século não serão mais os viajantes estrangeiros os porta-vozes daquele tipo de fala moralizante e excludente. Na aurora da República discursos similares adquirem legitimidade científica, já que são emitidos pelos médicos e pelos juristas no seu afã de construir uma nação civilizada, a exemplo da européia, particularmente, a francesa. Já no Império, manifestaram-se os médicos de forma reiterada condenando o desejo sexual como uma “força ameaçadora, vulcânica, destrutiva que deveria ser combatida e bem administrada pelo intelecto”<sup>11</sup> Tal estado de coisas resulta do vulto assumido pelo evolucionismo, corrente hegemônica, naquele momento, que em nome da razão e da ciência postula um destino comum a ser alcançado por todos os povos. Civilização e Progresso são os seus lemas, cabendo o expurgo das crenças e práticas populares, manifestações de atraso e ignorância. Representativas de um mundo em extinção, não se alinhavam com os valores da modernidade. Por outro lado, elites e populares, não se constituíam em grupos homogêneos e outras propostas coexistiram com aquela que visava uma nação, cuja cultura se pautasse no modelo parisiense. João do Rio, Lima Barreto e outros intelectuais criticaram tais aspirações europeizantes, denunciando o encantamento com o que se entendia por progresso. Enfim, a univocidade não era a tônica desses grupos.<sup>12</sup>

Na década de 20, como resultado da resistência desenvolvida pelos populares, que, apesar de todos os percalços, mantinham suas manifestações, da influência do movimento modernista e das idéias nacionalistas, toma vulto o processo de valorização de suas formas de expressão cultural, passando os populares, gradativamente, a assumir um lugar

---

<sup>11</sup> Luzia Margareth Rago. “Sexualidade e identidade na historiografia brasileira” in *História e Cidadania. XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Volume I*. São Paulo, ANPUH, Humanitas, Publicações FFLCH/USP, 1998, p. 190.

<sup>12</sup> Francisco Guimarães (Vagalume). *Na Roda do Samba*. Rio de Janeiro, Edição FUNARTE, 1978, p.86/87

reconhecido no espaço público. Tal processo assume seu ponto alto após a Revolução de 1930.

Apesar dessa mudança, quanto ao panorama cultural, no que tange ao terreno específico da sexualidade feminina, continua a intolerância. No entanto, o erotismo torna-se cada vez mais explícito, não só entre os populares, como também nas demais camadas. Percebe-se uma crescente determinação das mulheres de darem vazão aos seus desejos e que, na festa, momento tradicional de liberação, encontrava um ambiente propício à sua plena manifestação.

### **Festas e presença feminina**

#### **A Festa da Penha**

Assim, não obstante todos os esforços empreendidos pelo Estado, pelos líderes da Igreja Católica, pela maioria dos intelectuais e dos sucessivos comentários, na maioria não muito lisonjeiros, com relação às suas práticas culturais, as mulheres dos segmentos populares não se deixaram capitular, já que, como afirmava Lamberg:

*são muito amigas de divertimentos, a música, o canto, a dança, o carnaval e também, as festas populares da igreja, fazem-nas perder a cabeça e dias e até semanas antes preparam as suas 'toilettes' em que gastam todas as suas economias....<sup>13</sup>*

Refere-se o autor a importância que as *festas populares da igreja* assumiam para tais mulheres, no que se observa uma crítica velada na expressão “perder a cabeça”, transgressão das mais sérias para uma cultura que postulava o primado da razão e esta é uma parte do corpo que bem simboliza tal aspecto; além disso as referidas mulheres “gastam todas as suas economias” em festas, fato condenável no sistema capitalista que

---

<sup>13</sup> Moritz Lamberg. op. cit.

requer o equilíbrio do orçamento.... A Festa da Penha foi uma destas festividades que, ao contrário das demais encontrou seu apogeu nos fins do século XIX e inícios do XX, mais precisamente nos primórdios da República.

Nela viviam os populares um grande momento, sem uma demarcação rígida entre o sagrado e o profano, categorias que aí se mesclavam. Um quadro caleidoscópico resultava dessa variedade de grupos com culturas diversas, cujo significado utópico nem mesmo o tom preconceituoso do trecho consegue retirar:

*Em cada canto formava-se um “samba”, os “cordões” emendavam-se uns aos outros interminavelmente (...)  
Ora à frente de uma barraca um grupo de pretas descalças cantava e dançava batendo palmas e sacudindo o corpo desengonçadamente. Ora em outro ponto acompanhado da rouquenha viola um português tirava o “fado” em desafio. Adiante um grupo de italianas banhadas de suor saltavam na sua dança dura e sem cadência ao som lerdo da sanfona. Em cima de uma mesa um capadócio acompanha ao violão a modinha em que uma rapariga desdentada se esganiça tragicamente. De um lado os tambores e pandeiros, de outro lado as trombetas de barro e os “pios de bambu”<sup>14</sup>.*

Esta promiscuidade era intolerável para os grupos que assumem o poder com a República e que consideram tais manifestações retrógradas, incompatíveis com a nova fase em que ingressava o país. Além disso, em um momento de consolidação do trabalho livre, urgia canalizar a energia dos populares para esta atividade e a sua frequência às referidas festas, nas quais abundavam comidas, bebidas, jogos, onde o apelo do sexo tornava-se mais forte, se constituiria num empecilho ao objetivo visado.

Também a Igreja Católica, depois de um período de compromisso e aceitação das formas de participação popular nos festejos religiosos, em nome do espírito romanizador, passa a uma atitude de oposição ostensiva, desenvolvendo o combate ao “catolicismo popular”, exigindo a depuração desses eventos, cerrando fileiras com o sistema de poder

---

<sup>14</sup> *Jornal do Commercio*, 19 outubro, 1911.

vigente. Verifica-se, de sua parte, o esforço para o esvaziamento das festas e devoções tradicionais, não participando delas e condenando os excessos nelas cometidos como a dança, a bebida e o mau uso do dinheiro recolhido pelos devotos. Os antigos santos de devoção vão sendo substituídos em nome de um culto que favoreça à prática dos Sacramentos e a uma subordinação maior à hierarquia eclesiástica<sup>15</sup>.

O padre Alves da Rocha indicado em 1909 para capelão adjunto da Irmandade da Penha e promovido a primeiro capelão em 1918, constitui-se num seguidor exemplar dessa tendência da Igreja, buscando retirar daquela festa seu conteúdo popular. Argumentava que “esta se transformara em orgia dando lugar a excessos, paradoxalmente, praticados em nome da Santa”. Para isto recorreu à força, apelando mesmo para a repressão policial. Além da proibição da venda de álcool, foi impedida a presença de ranchos, blocos e rodas de batucada na Penha<sup>16</sup>.

Na esteira dessa posição temos um depoimento posterior de uma liderança eclesiástica, calcado nos discursos da época, em que o problema de excessos da carne “a origem de todos os pecados”, permanece extensivo e obsessivo.<sup>17</sup>.

*A Penha, por motivos já enumerados, vivia num perigoso parêntesis da sua tradição religiosa. As festas de outubro eram perturbadas por cenas repugnantes, impróprias das festividades da Igreja. A habitual romaria transformava-se todos os anos em bacanal vergonhoso aviltado por crimes hediondos e desordens abomináveis. Ninguém de*

<sup>15</sup>Pedro Ribeiro de Oliveira. *Religião e Dominação de Classes*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985, p. 285-286; Segundo o autor, a romanização consistiu na ação reformadora dos bispos, padres e congregações, cujo objetivo foi moldar o catolicismo brasileiro conforme o modelo de Roma. Seus traços essenciais residiam na espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o senso da hierarquia eclesiástica. Na verdade, a romanização foi o processo através do qual o aparelho eclesiástico assumiu o controle efetivo do aparelho religioso no seu todo.

<sup>16</sup>Pe. Dr. Guilherme Schubert. *A Província Eclesiástica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Livraria Agir Ed., 1948, p. 127; José Ramos Tinhorão. *Música Popular de Índios, Negros e mestiços*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1972, p. 177; Augusto Maurício. *Templos Históricos do Rio de Janeiro*. RJ, Gráfica Laemmert, s/d, p. 125.

<sup>17</sup>M. Foucault.op.cit.p.23.

*princípios de honra e de sólida contextura moral, a freqüentava, pois não queria expor-se e os seus, à contemplação do panorama sórdido provocado pela licenciosidade dos maltezes que até as fraldas do santuário iam, não levados pela fé, mas para dar livre e impúdica expansão ao seu libertinismo repugnante!*<sup>18</sup>

Em conseqüência, o preconceito e a intolerância, difundidos nos mais variados setores, com relação à Festa da Penha, no momento do ingresso do Rio de Janeiro na modernidade, foram acompanhados por inúmeros desmandos das forças repressivas sobre os populares que ali compareciam. Aliás, tais forças tiveram, nessa ocasião, aumentados os seus contingentes de atuação na festa, tornando o seu policiamento “quase uma operação de guerra”<sup>19</sup>.

E a preocupação com a presença dos ritmos de influência africana, estimulando a sensual movimentação dos corpos ocupavam espaço privilegiado. “O arraial visto de cima do morro, mais parecia uma aldeia selvagem do interior africano do que um recanto do Rio de Janeiro”, afirmava um testemunho, acentuando que o samba dava “a nota bárbara do ritmo grosseiro de sua música, que por vezes tomava aspectos macabros pela cadência rude e monótona que lhe emprestavam os seus intérpretes”. E, à volta da “orquestra” (pandeiros, tamborins, cuícas, violão e flautas), homens e mulheres se contorciam e se agitavam, elevando os braços à altura, como se chamando a atenção da virgem para a “grandiosidade” do espetáculo. Uma verdadeira bacanal da Grécia ou da Roma Antiga.

É explícito o propósito de atribuir a este tipo de manifestação, além do caráter atrasado, grosseiro, bárbaro, o de depravação, obscenidade, de insulto à moral, em função da excessiva sensualidade tropical, estimulando a emergência de paixões viciosas:

---

<sup>18</sup> Pe. Dr. Guilherme Schubert. “A alma da Penha” in *A Província Eclesiástica do Rio de Janeiro*. Livr. Agir Ed., 1948.

<sup>19</sup> José Murilo de Carvalho. *Os Bestializados*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1987, p. 142.

“embaixo de cada árvore do extenso parque, pares de namorados insultavam, com seus arroubos de carinho, o pudor de qualquer pessoa decente que, desprevenida, olhasse em sua direção”.

Justificava o texto, com todos esses argumentos, o fato de que “não raro a polícia era forçada a intervir para pôr ordem nos festeiros”<sup>20</sup>.

Raul Pompéia, o conhecido escritor, igualmente, preocupa-se com os tão comentados excessos da *orgia campestre que o ‘rendez-vous’ religioso ocasiona*, apontando a sensualidade ali presente, quando no centro da roda que se fecha, a mulata *requebra-se e canta, afogada pela curiosidade sensual...*<sup>21</sup>

Por outro lado, suas observações revelam a resistência dessas mulheres que mantendo suas manifestações, suas danças, seus bamboleios, fazem da referida festa um balão de ensaio para a primazia que sua cultura atingiu no carnaval carioca.

### **Carnaval como alavanca para a libertação**

Sinônimo de liberação e abolição de hierarquias, privilégios, regras e tabus em que a comida, a bebida e a sexualidade assumem enorme importância, o carnaval era de todas as festas aquela que mais inquietações provocava. E uma característica dos populares no Rio de Janeiro, na virada do século, particularmente de sua parcela feminina foi a de garantir nela o seu espaço, dando lugar à movimentação e exibição de seus corpos, não obstante os preconceitos que enfrentavam. A Praça Onze constituiu-se no ponto alto do carnaval dos populares, para onde acorriam negros, mestiços e brancos mais humildes, residentes nas casas de cômodos da periferia do centro, dos subúrbios e favelas. Uma das

---

<sup>20</sup> Augusto Maurício. *Templos Históricos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, s/d. p. 125.

<sup>21</sup> Raul Pompéia. *Obras*. Rio de Janeiro, FENAME/ Civilização Brasileira, 1981.

matérias sobre esse carnaval destaca o exotismo, a mestiçagem, o som dos instrumentos excêntricos, a festa de "gritos e urros", em meio dos quais a Praça Onze resplandece. Ambiente no qual África e Brasil se mesclam, seu ponto alto é dado pelas "morenas que se requebram como gatos, felinas e maliciosas, tentando branco e preto, louro e moreno, dançando, rodopiando (...)"<sup>22</sup>.

Imagens similares sobre o mesmo carnaval podem ser observadas no poema abaixo:

Melopéia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. (...) Dentro dos sons e das cores movem-se os cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, lúbricos, meigos, alucinantes (...) Missa negra, tragédia negra, magia negra. Triunfa a negra, triunfa a mulata. Música fanfarra, préstito, maxixe, samba. No noturno da Praça Onze o negro e o castanho dominam os vermelhões das caras, das carnes, das máscaras e das vestimentas álacres, vibrantes (...) Fura a imobilidade ondulante um grupo de baianas, dançando, cantando, saracoteando a grossa luxúria negra, farejadas, seguidas por gorilas assanhados de beijos compridos, tocando pandeiros, pulando lascivos<sup>23</sup>.

Religiosidade pagã, violência, brutalidade, lubricidade, lascívia, promiscuidade, corpos de mulheres vertendo “a grossa luxúria negra”, provocando a libertinagem de homens desta raça, “gorilas assanhados (...) pulando lascivos” são algumas das mensagens que o texto busca expressar. Os perigos advindos de um local tão estranho eram o pretexto para o desconhecimento que as camadas mais elevadas faziam questão de ostentar com relação à Praça Onze.

Frente à disseminação da visão do carnaval como uma festa perigosa, depravada, na qual "as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia e (...) inútil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga", a imprensa desenvolve forte campanha

---

<sup>22</sup> *O Radical*, 12.01.1933.

<sup>23</sup> Graça Aranha. “Carnaval”, in *Antologia do Carnaval*. RJ, O Cruzeiro, 1945, p. 81.

contra as situações consideradas atentatórias à moral. Difunde, assim, a concepção dos médicos e juristas dos primórdios da República de que o ideal de progresso e civilização passaria, obrigatoriamente, pelo comportamento moral. Na verdade, através de suas denúncias, a imprensa contribuía para acentuar a rotulação negativa atribuída ao carnaval, nas duas primeiras décadas do século XX, visando dele afastar as mulheres “honradas”<sup>24</sup>.

Em que pese um quadro tão negativo, as pesquisas também demonstram a presença de mulheres aproveitando-se das "*falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vão caçar*".<sup>25</sup> O carnaval constituía-se numa dessas "*falhas*". A imprensa, nas duas primeiras décadas do século, invectiva contra a "*degradação cada vez maior do carnaval*", visando impedir a presença feminina, admissível apenas às mulheres de má vida. Cresce nele, porém, não apenas a participação das mulheres dos segmentos populares, como também daquelas das demais camadas.<sup>26</sup>

Sintomaticamente, algumas exibem fantasias consideradas comprometedoras, como a de *gigolette*. Tal fato provoca reação e um cronista o atribui à ignorância, ao desconhecimento dessas donzelas de que a *gigolette* é a prostituta das mais reles, e que em Paris corresponde às "desgraçadas que, no Rio de Janeiro, vivem nas ruas do Regente e de S. Jorge"<sup>27</sup>. Um outro, depois de lamentar, igualmente, essa "coisa hedionda das mocinhas procurarem imitar as *gigolettes*, que representam a ralé de uma sociedade", manifesta a visão corrente da menor sensibilidade sexual da mulher. Nesse sentido, imputa à inconsciência dessas moças atitudes que, na verdade, deixam entrever a emergência de sua

---

<sup>24</sup>O trecho destacado é de João do Rio, "O bebê de tarlatana rosa" in: *História da Gente Alegre*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981. p. 58.

<sup>25</sup> Michel De Certeau. *Artes de Fazer. A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994, p.101.

<sup>26</sup> *Gazeta de Notícias*.15.02.1915; *A Noite*.16.02.1922.

<sup>27</sup> *Gazeta de Notícias*, 15.02.1915. O termo *gigolette* refere-se à prostituta que mantém o gigolô (homem que vive às expensas de uma ou várias mulheres, em geral, prostitutas) ; a fantasia que a caracteriza é similar à melindrosa.

sensualidade, mais explicitada no carnaval. Captamos tal aspecto, a partir de sua própria descrição das moças, seguido pelas ruas da cidade "com um chale aos ombros e mordendo o talo de uma rosa", postura assaz reveladora de suas pretensões sedutoras<sup>28</sup>.

Cecília Meireles, a grande poetisa brasileira, percebe o significado implícito nesses procedimentos, ao relacionar a escolha da fantasia às aspirações secretas de cada um, referindo-se às "senhoras tranqüilas que sofrem silenciosamente o ano inteiro só com a esperança de aparecerem no carnaval vestidas de *gigolettes*"<sup>29</sup>. Lima Barreto, com sua sensibilidade, também apreende a dimensão oculta na maioria das mulheres de sua época. Rejeita, portanto, as teorias, então predominantes, acerca da menor sensibilidade sexual da mulher, de sua frigidez e recato naturais. Ainda, aproximadamente em 1908, refere-se ao ambiente liberador do carnaval, quando não só os rapazes excedem-se, "saem fora da bitola", mas também, as "moças e senhoras abandonam-se aos impulsos do temperamento". Lembra que num dos últimos carnavais a que assistiu, à passagem dos cordões, viu duas moças afastarem-se um pouco para o interior do escritório da *Gazeta de Notícias*; "(...) e lá dentro requebrarem lascivamente com as exigências que um "maxixe" tocado por uma banda de música a passar pedia"<sup>30</sup>.

Num outro momento, o autor traz à tona desejos e fantasias, presentes na maioria das mulheres dos segmentos médios, mas que, pelas imposições sociais, eram levadas a asfixiar, permitindo-se, apenas, breves momentos de um sonhar de olhos abertos. Trata-se, também, de um episódio passado no carnaval. Nele, Fred confessa à sua irmã Cló a ansiedade que dele se apoderava, ante o desfile dos préstitos no dia seguinte. Torcia pela vitória dos *Democráticos*, cujo carro do estandarte, um templo japonês, deveria fazer um

---

<sup>28</sup>A *Noite*, 06.02.1922.

<sup>29</sup>Cecília Meireles. "Carnaval", *Diário de Notícias*. 07.02.1932.

<sup>30</sup>Lima Barreto. *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. RJ, Ed. de Ouro, s/d, p.131.

bruto sucesso. Além disso, "as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas (...) Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Carmen". Diante desses nomes que lembravam as tão faladas *cocottes*<sup>31</sup>, Cló invejou-as, revelando um anseio presente na maioria das mulheres, o de se fazerem sentir como um elemento de sedução. E

viu-se ela também, no alto de um daqueles carros, iluminada pelos fogos de bengala, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguesas e burgueses da cidade. Era o triunfo, a meta de sua vida;<sup>32</sup>.

Assim, apesar da repressão sexual que recaía sobre as mulheres, buscando-se nelas inculir o estereótipo da frigidez feminina, das exigências de virgindade e de sobriedade de conduta, confirma-se o pressuposto de Freud de que a sexualidade, o ingrediente mais poderoso da constituição humana, não pode tão facilmente ser descartado. Nesse particular, as energias eróticas, insaciáveis e ao mesmo tempo cheias de recursos, lançam mão dos mais inusitados estratagemas, a serviço de sua gratificação<sup>33</sup>.

Outros depoimentos comprovam tal asserção, quando mulheres usualmente recatadas, à aproximação do carnaval, deixam aflorar, mesmo de forma sub-reptícia, seus desejos ocultos. Mário Lago confessa em suas memórias que, nesses dias, inclusive nas famílias mais austeras, nas quais incluía a sua, eram postos de lado determinados comportamentos tradicionais. Seu pai e seus tios "permitiam às esposas se pintarem com alguma exuberância, e até mesmo fazerem um sinalzinho no canto da boca ou um pouco abaixo dos olhos" coisa impensável no resto do ano, já que era própria das "mulheres da rua Vasco da Gama, desavergonhadas que... sonhavam dormir com um malandro

<sup>31</sup> *cocotte* era a denominação atribuída às prostitutas de luxo, em sua maioria, francesas.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_ *História e Sonhos*. SP, Graf. Ed. Brasileira Ltda., 1920, p.49, *apud* Relatório para o CNPq da bolsista de aperfeiçoamento Maristela de Oliveira Chicharo, 1993.

<sup>33</sup> Peter Gay. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. A Paixão Terna*. SP. Companhia das Letras, 1990, p. 225.

qualquer". E, acrescenta "não era sequer com carmim que elas arroxavam as faces. Faziam a maquilagem com papel de seda vermelho molhado, o que lhes dava um certo ar canalha!<sup>34</sup>.

Mulheres sonhavam o ano inteiro em se tornar mais belas, mais encantadoras, mais sedutoras durante três dias. Compunham as suas fantasias, penteavam os cabelos, preparavam-se com esmero apenas para serem "vistas"<sup>35</sup>.

Não deixavam de existir as de comportamento mais ousado, como a Manuela, que

aparecia perturbadora, vestida ora de cigana, cheia de dourados e medalhas, ora de espanhola, com uma flor vermelha nos cabelos. Ia sempre com os irmãos a bailes no *Maracanã*, no *Boulevard* ou em clubes, bailes que nos pareciam difíceis e perigosos<sup>36</sup>.

Em situação similar, havia aquelas também, corajosas, que não se contentavam com meias medidas, buscando assumir sua sexualidade de uma forma mais plena. Tal aspecto pode ser apreendido da narrativa de Mário Lago, ao referir-se ao "carnaval dos duelos de lança-perfume, iniciadores de muitos namorinhos e até atividades mais conseqüentes". Percebe-se que tais atividades diriam respeito a uma relação mais íntima entre os dois sexos. Fala, em seguida, da iniciativa, por ele considerada audaz, de um grupo de "almofadinhas eróticos", que se exercitam em "bico-de-seio ao alvo com os esguichos de seus rodos metálicos". Para eles, tal jogo do lança-perfume funcionava como uma espécie de teste:

Se a mocinha fizesse cara feia e recuasse ante o esguicho gelado e fino, já se sabia que daquele mato não saía coelho e vamos pregar em outra freguesia. Mas não faltavam as mais receptivas a essas experiências, e o risinho nervoso prenunciava vitórias surpreendentes<sup>37</sup>.

<sup>34</sup>Mário Lago, *Na Rolança do Tempo*. SP, Círculo do Livro. S/d., p. 134.

<sup>35</sup>Augusto Frederico Schmidt. *O Galo Branco. Páginas de Memórias*. RJ, Ed. José Olympio, 1957, p. 197.

<sup>36</sup>*Idem*, *ibidem*, p. 267.

<sup>37</sup>Mário Lago, *op. cit.*, p. 136.

O memorialista não esconde seu preconceito, ao conceber tais "mocinhas" como presa fácil. Não vê no seu gesto uma tentativa de não se vergar à intolerância do momento, dos quais ele próprio, com uma trajetória das mais ricas no cenário artístico e político, não escapa. Assim, não consegue perceber que elas estavam, igualmente, procurando festejar o corpo e extrair o prazer que ele é capaz de proporcionar, ao invés de permanecer numa atitude passiva, conforme lhes era apregoado.

### **Transgressão às normas e seu significado**

Juliet Mitchell discorrendo sobre a liberação feminina, já na década de 1960, afirmava que naquele momento, no Ocidente, o aspecto sexual constituía-se no elo mais fraco das estruturas de cuja transformação simultânea dependeria a liberação da mulher<sup>38</sup>. Aceitando-se tais pressupostos, o comportamento assumido por muitas mulheres, das quais algumas são aqui apresentadas, revela-se da maior significação nesse contexto em que predominam o preconceito e a intolerância. Quer pela utilização do corpo como um foco para a resistência dos significados oficiais, quer pela experiência acumulada neste particular, contribuiu para a tomada de consciência das mulheres de uma vertente fundamental para o exercício de sua autonomia.

Observa-se, através da documentação utilizada, que aproximadamente até a década de 20, para muitos, as esposas e filhas são vistas como seres desprotegidos, facilmente passíveis de sedução frente à investida de homens dissolutos. Somente as mulheres pobres eram encaradas como cúmplices no deslize. Na medida, porém, que, nos festejos carnavalescos, assumem as mulheres dos demais segmentos uma atitude mais audaciosa, quanto ao seu anseio de prazer, aprofunda-se o rigor das críticas e ameaças, revelando o desespero dos que percebiam o declínio de suas concepções, até então dominantes.

---

<sup>38</sup>Juliet Mitchell. "Mulheres. A Revolução mais Longa", in *Revista Civilização Brasileira*. Nº 14. RJ, 1967, p.

Neste particular, espanta-se um cronista com a loucura de

moças solteiras, flores mimosas que desabrocham, numa pujante beleza e numa pureza sem par, que jamais usaram uma licenciosidade nas ruas (...) formando blocos e cordões, aos trancos, braços entrelaçados com outros braços que nunca conheceram (...) <sup>39</sup>.

Um outro denuncia a permissividade presente no carnaval, com a colaboração das autoridades e dos pais de família. Estes, que deviam zelar pelas filhas, são contagiados pela alucinação, deixando-se arrastar para as bacanais. Como decorrência desse estado de coisas, perde-se a dignidade, instalando-se a desonra no seio das famílias. Tal fato era de extrema gravidade, pois do comportamento exemplar feminino dependia a integridade da família, pilar da sociedade <sup>40</sup>.

Um articulista, entre outros, acusa a presença no carnaval do despudor, da imoralidade, das práticas contrárias aos sadios princípios pelos quais deve a sociedade orientar-se, deplora a promiscuidade e a hipocrisia reinantes, que levam senhoras casadas a se igualarem às prostitutas:

(...) muitas são as damas finas que se nivelam às hetairas nos clubes, nos bailes, nos três dias de orgia carnavalesca (...) Terminada a festa, porém, as prostitutas continuam no seu "triste" mister; as elegantes, "decaídas eventuais", tornam aos seus lares, tomam parte em ligas contra o álcool, deitam o "verbo" fulminando os vícios <sup>41</sup>.

Alguns se deixavam vencer pela melancolia, ao constatar que os bailes de carnaval que "se realizam nos clubes rotuladamente alegres, apresentam mais ordem e moralidade do

---

<sup>39</sup>Jacinto. *Revista Selecta*. Ano VII, nº 6, 05.02.1922.

<sup>40</sup>*A Noite*, 06.02.1922.

<sup>41</sup>*Revista Policial*, 26.02.1927.

que aqueles destinados às mocinhas casadoiras", pois, quanto mais reservado às famílias era um baile, maior era nele o descomedimento<sup>42</sup>.

Os mais indignados tomam a iniciativa de escrever para o Chefe de Polícia Felinto Muller, como o Dr. Olyntho de Castro, alegando considerá-lo "um dos poucos revolucionários dignos e de quem o país poderia esperar alguma coisa de sólido e real". Diz-se horrorizado com a decadência do país, cada vez mais afundado na corrupção e no sem-vergonhismo. Alude, especificamente, aos bailes de carnaval, necessitados de uma "reprimenda" severa por parte das autoridades, já que os chefes de família consentiam que seus filhos os freqüentassem. Terminava citando um refrão pornográfico, cantado por "certos rapazes tomadores de éter e cocaína e certas moças despudoradas (...)"<sup>43</sup>.

Tais manifestações, defensoras da moralidade, deplorando o comportamento assumido por muitas mulheres, dispostas a fazer valer ao menos no carnaval seus anseios mais recônditos, têm igualmente o apoio dos novos grupos no poder após 1930. Dessa forma, a coragem de algumas dessas mulheres, muitas das camadas médias, em revelar aspectos diversos dos padrões desejados, particularmente no que tange ao uso do corpo e à sexualidade, deve ser assinalada como uma atitude de vanguarda, precursora de movimentos posteriores, cujos efeitos são extensivos aos nossos dias.

Esta era, porém, uma postura considerada perigosa, subversiva, contra a qual se utilizavam todas as armas. Assim, no terreno da ficção, as moças de família, incapazes de se resguardarem das tentações do carnaval, deixando-se levar pela luxúria, não preservando seus corpos são representadas como perigosas, desencadeadoras de tragédias que afetavam seus entes mais caros. Mulheres simuladoras, desonestas e infiéis, para as quais o carnaval

---

<sup>42</sup> *Jornal do Brasil*, 05.02.1936.

<sup>43</sup> Carta do Dr. Olyntho de Castro a Felinto Muller. Arquivo do CPDOC.

é o elemento catalisador na explosão de seus vícios, são uma constante em contos publicados em jornais e revistas da época. Longe dos olhos vigilantes de seus guardiões, pais ou maridos, confirmava-se a velha teoria de fragilidade moral da mulher. Incapaz de proteger seu corpo, entregava-se, inconseqüente, à louca aventura, que termina sempre tragicamente, pois o marido sempre descobre. Sua vingança é, inclusive, reconhecida juridicamente, em nome da "legítima defesa da honra". (...) <sup>44</sup>. Aliás, esta era uma marca que se vinha reproduzindo ao longo do tempo. Continuava-se a desconfiar da moralidade das mulheres que participavam desta festa e, quando casadas, incorriam na suspeita de adultério.

Fala-se de mulheres, já passando dos 50 que atacam seus corpos “furiosamente a rapazinhos de 18”. Noivas, ante a ausência de seus prometidos, aproveitam para brincar nos bailes à fantasia com companheiros eventuais. Moças alegam para a família o desejo de repousarem numa fazenda, longe do burburinho da cidade, e aproveitam para cair na farra, sempre evitando maiores envolvimento <sup>45</sup>. Exageros à parte, é claro que tais fatos, comentados em crônicas, na maioria da segunda metade da década de 30, expressam o imaginário da época, que encontra suas raízes na concretude. A sensualidade, por longo tempo vista como apanágio da negra e da mulata, torna-se visível nas mulheres de todas as cores e segmentos, que a exercem com garra invejável, negando estereótipos de longa data. Enfim, acelera-se o passo rumo ao reino da liberdade, que encontra no carnaval um momento de expressão maior. Aceitando-se tais pressupostos, as mulheres anônimas que atuaram nos interstícios do sistema, atrevendo-se a exibir seus corpos e expressar de forma

---

<sup>44</sup>Teixeira Soares. "Conto de Carnaval", in *Diário de Notícias*. "A Máscara Fatal", in *Diário de Notícias*, 15.02.1931.

<sup>45</sup> " " , 30.01.1932; *Fon-Fon*, 16.02.1935. *Idem, ibidem*. 22.02.1936.

crescente sua sensualidade, revelando a presença de um desejo, apenas permissível no leito conjugal, foram, também, precursoras da emancipação feminina. Criativamente, utilizaram-se de brechas para furtivamente ou mesmo claramente vivenciarem -na, apesar de todas as interdições e ameaças. O carnaval representou uma dessas brechas, funcionando como um balão de ensaio para a plena assunção pelas mulheres do seu corpo e da sua sexualidade, também, na vida cotidiana. Assim, também contribuíram aquelas mulheres para o clamor feminista da década de 1970, pleno de demandas no campo da sexualidade; cujas conquistas não decorreriam apenas da movimentação de um restrito grupo de intelectuais dos segmentos médios.